

O uso da mística nas aulas de História do curso de licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

The use of mysticism in the History classes of the bachelor's Degree in Rural Education (LEDUCARR) of the Federal University of Roraima (UFRR)

El uso de lo místico en las clases de Historia de la licenciatura en Educación Rural (LEDUCARR) de la Universidad Federal de Roraima (UFRR)

Alessandra Rufino Santos¹
Lucineide Salgado Barroso²

Resumo

O movimento de luta pela Educação do Campo tem defendido a importância de construirmos análises a respeito de temas que perpassam a Educação do Campo, e a mística pode ser considerada um desses temas. Nesse sentido, o presente estudo partiu do intuito de utilizar a mística nas aulas da disciplina de História Geral II, no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), como espaço de aprendizagem, socialização e reafirmação da identidade campesina dos acadêmicos do referido curso. O objetivo da utilização das místicas nas aulas de História, no ano de 2019, foi proporcionar aos estudantes de Educação do Campo reflexões sobre a sua realidade e, desta forma, despertá-los a reivindicarem melhorias para a transformação de suas vidas cotidianas, assim como a transformação dos sujeitos que vivem no campo em Roraima. Além disso, acreditamos que, através da mística, os sujeitos possam ter a possibilidade de refletir sobre o espaço onde estão, sobre quem são e querem chegar? Nessa lógica, as místicas adquirem significados dentro de um determinado contexto e preservam símbolos em tempos de resistência e construção histórica. Desse modo, a metodologia empregada na pesquisa, se deu através de revisão bibliográfica referente a Educação do Campo, a mística e a História, e uso de informações adquiridas na disciplina de História Geral II. Por fim, no que concerne ao aporte teórico, foram utilizados autores que oportunizam a compreensão da temática em questão, tais como Arroyo (2009), Caldart (2002; 2004), Monteiro (2007), Nascimento e Martins (2008), Piatti (2021), Rüsen (2006), entre outros.

Palavras-chave: Educação do Campo; Mística; História.

Abstract

The fighting movement for Rural Education has defended the importance of constructing analyzes on issues that involve Rural Education, and mysticism can be considered in one of these themes. In this sense, the present study started from the intention of using mysticism in the classes of the discipline of General History II, in the degree in Rural Education (LEDUCARR), of the Federal University of Roraima (UFRR), as a space of learning, socialization and reaffirmation of the peasant identity of the academics of the aforementioned course. The objective of using mysticism in History classes, in 2019, was to provide Rural Education students with reflections on their reality and, in this way, awaken them to demand

¹ Universidade Federal de Roraima – UFRR. Boa Vista/RR, Brasil. E-mail: alessarufino@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8326-3492>

² Universidade Estadual de Roraima – UERR. Boa Vista/RR, Brasil. E-mail: lucineide-salgado@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9491-3489>

improvements for the transformation of their daily lives, as well as the transformation of the subjects who live in the countryside of Roraima. In addition to that, we believe that, through mysticism, subjects can have the possibility of reflecting on the space in which they find themselves, on who they are and where they want to go. In this logic, mystics acquire meanings within a given context and preserve symbols in times of resistance and historical construction. Thus, the methodology used in the research was carried out through a bibliographical review regarding Rural Education, Mysticism and History, and the use of information acquired in the General History II discipline. Finally, regarding the theoretical contribution, authors were used that provide an opportunity to understand the topic in question, such as Arroyo (2009), Caldart (2002; 2004), Monteiro (2007), Nascimento and Martins (2008), Piatti (2021), Rösen (2006), among others.

Keywords: Rural Education; Mystical; History.

Resume

El movimiento de lucha por la Educación Rural ha defendido la importancia de construirmos análisis sobre temas que pasan por la Educación Rural, y la mística puede ser considerada en uno de estos temas. En este sentido, el presente estudio partió de la intención de utilizar la mística en las clases de la disciplina de Historia General II, en la carrera de Licenciatura en Educación Rural (LEDUCARR), de la Universidad Federal de Roraima (UFRR), como espacio de aprendizaje, socialización y reafirmación de la identidad campesina de los académicos del mencionado curso. El objetivo del uso del misticismo en las clases de Historia, en 2019, fue brindar a los estudiantes de Educación Rural reflexiones sobre su realidad y, de esta manera, despertarlos para exigir mejorías para la transformación de su vida cotidiana, así como la transformación de los sujetos que viven en el campo de Roraima. Además de eso, creemos que, a través de la mística, los sujetos pueden tener la posibilidad de reflexionar sobre el espacio en el que se encuentran, sobre quiénes son y hacia dónde quieren llegar. En esta lógica, los místicos adquieren significados dentro de un contexto determinado y conservan símbolos en tiempos de resistencia y construcción histórica. Así, la metodología utilizada en la investigación se realizó a través de una revisión bibliográfica sobre Educación Rural, Misticismo e Historia, y el uso de información adquirida en la disciplina Historia General II. Finalmente, en cuanto al aporte teórico, se recurrió a autores que brindan la oportunidad de comprender el tema en cuestión, como Arroyo (2009), Caldart (2002; 2004), Monteiro (2007), Nascimento y Martins (2008), Piatti (2021).), Rösen (2006), entre otros.

Palabras clave: Educación Rural; Místico; Historia.

Introdução

A experiência das autoras no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) enquanto estudante egressa³ e enquanto professora de História⁴ da área de Ciências Humanas e Sociais (CHS) foi

³A segunda autora do artigo foi estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) entre os anos de 2010 e 2014. Após isso, seguiu colaborando com o referido curso como supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) até o ano de 2019.

⁴ É professora de História desde o ano de 2016.

fundamental para a elaboração deste artigo, que parte do pressuposto de que o uso da mística nas aulas da disciplina de História Geral II, ministrada no curso LEDUCARR, viabiliza o desenvolvimento de uma proposta de ensino-aprendizagem, que valoriza as mulheres e os homens do campo a partir das suas trajetórias de vida e do reconhecimento dos seus locais de vivências.

Desta forma, pensar a Educação do Campo numa relação com a mística e o ensino de História, permite compreendermos “as características do espaço cultural e as necessidades próprias dos estudantes que vive no e do campo” (AIRES, 2016, p.53). Neste caso, é importante mencionar que a Educação do Campo no estado de Roraima está voltada ao conjunto da classe trabalhadora do campo, em que estão os agricultores, caseiros, povos indígenas, pessoas assalariadas, que possuem a vida e o trabalho, vinculados ao meio rural. Essa realidade necessita da reflexão acerca do olhar para tempos e espaços educativos que estão no campo. “Que campo é esse? Quem são esses povos? Que histórias carregam? Que símbolos os identificam? Essas são perguntas que ecoam na luta que nasce na terra, pela terra e para a terra, quando essa luta está vinculada à educação do campo” (PIATTI; SILVA, 2021, p.180).

Diante do exposto, a intenção deste trabalho é mostrar que a mística é importante “enquanto ação pedagógica que fortalece, encoraja, estimula, ensina, cria e recria novas ações coletivas dos trabalhadores rurais” (NASCIMENTO; MARTINS, 2008, p.03). Quando pensamos o contexto das aulas da disciplina de História Geral II, verificamos que o uso da mística contribuiu para a valorização da pedagogia da alternância e dos saberes como fonte de conhecimento prévio dos estudantes para a aprendizagem.

Nesse contexto, é válido afirmar que a pedagogia da alternância se torna fundamental por promover uma “educação com características próprias para o atendimento da população do campo” (AIRES, 2016, p.54). A proposta da pedagogia da alternância para a Educação do Campo contempla e valoriza os saberes em contextos socioculturais, considerando a escola, a família e a comunidade como espaços de produção, organização e articulação de conhecimentos, por meio dos instrumentos pedagógicos (AIRES, 2016; GADOTTI, 2003).

Desse modo, há a necessidade de uma relação estreita entre a mística, a alternância, a licenciatura para que o ensino de História seja voltado para a formação de cidadão crítico e do sujeito histórico. No que se refere a disciplina de História Geral II, que teve 11 alunos matriculados no semestre 2019.1, foi ensinada com uma constante relação com a Educação do

Campo, tendo como o objetivo construir, entre os alunos, uma consciência histórica que contribuiu para que eles se reconhecessem como parte integrante da história da humanidade e da história local, justamente por fazerem parte da dela. Além disso, as aulas evidenciaram que com o uso da mística, o passado se relaciona constantemente com o presente. É nessa realidade que se constrói a formação de futuros professores que atuarão nas escolas do campo de Roraima, atendendo os anseios da sociedade.

Assim, a mística caracteriza-se, neste estudo, como instrumento pedagógico, que auxiliou a professora da disciplina de História Geral II no processo de interação entre a universidade e a comunidade, instrumentos que estão presentes na proposta da alternância, uma vez que dinamizou as aulas do tempo universidade e facilitou o conhecimento dos conteúdos abordados nas aulas da disciplina de História Geral II de modo contextualizado com a realidade em que os alunos vivem, permitindo que eles reconheçam a comunidade como espaço de aprendizagem.

Vale destacar, ainda, que dessa prática pedagógica, que permitiu o uso de místicas nas aulas de História Geral II está em consonância com o que é previsto no projeto pedagógico do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR). Ainda é oportuno destacar que para a efetivação dessa proposta a professora e os alunos do curso LEDUCARR buscaram relacionar a teoria e prática em função da realidade de cada contexto em que os alunos vivem, associando aos aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos.

Tendo por base essas considerações, do ponto de vista estrutural, este artigo está dividido em quatro partes: *A mística na Educação do Campo*; *A mística e o ensino de História*; *O ensino de História e a Educação do Campo*; e *A mística na Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) na Universidade Federal de Roraima (UFRR)*. Na primeira parte, é discutido o modo como a mística contribui com as escolas do campo e com os cursos de Licenciatura em Educação do Campo. Na discussão, apresentamos a mística como forma de representar o sentido e o significado da luta pela Educação do Campo. Na segunda parte, discutimos as contribuições da mística para o ensino de História no contexto da Educação do Campo. Na sequência, a terceira parte enfatiza as relações entre o ensino de História e a Educação do Campo. A última parte é dedicada às especificidades do uso da mística na disciplina de História Geral II do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

A mística na Educação do Campo

A formação de professores para atuarem nas escolas do campo do estado de Roraima, pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), tem suas bases no contexto da expansão das novas licenciaturas nas universidades brasileiras, marcada pelas “políticas públicas pensadas e concretizadas pelo governo federal, a partir de 2003, quando elas foram claramente definidas com focos específicos para os setores mais vulneráveis da população” (LEAL et al., 2016, p. 79).

De forma mais específica, em 2007, o governo federal propôs o Programa Nacional de Formadores de Educação do Campo (PRONACAMPO) com o objetivo de melhorar a oferta para a formação de educadores (BRASIL, 2007). O referido programa foi estruturado nos seguintes eixos: 1) Gestão e Práticas Pedagógicas; 2) Formação de Educadores; 3) Educação Profissional e Tecnológica; e 4) Infraestrutura. Esses eixos buscaram garantir as condições para o desenvolvimento do PRONACAMPO no Brasil, contribuindo no avanço das condições materiais para a oferta dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo em diferentes instituições de ensino superior para as populações do campo a partir das demandas dos movimentos sociais do campo.

Cabe destacar que a Universidade Federal de Roraima (UFRR) instituiu o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) no ano de 2010 e a primeira turma ingressou no em 2011. Assim, desde a sua fundação, o curso LEDUCARR tem fortes relações com os processos de resistência camponesa existentes em Roraima, mantendo articulações com os movimentos sociais da região, especialmente o Fórum Estadual de Educação do Campo de Roraima (FOEEC-RR).

Para Leal et al (2016, p.83), a luta dos movimentos e dos sujeitos do campo pela Educação do Campo é marcada por suas relações com o trabalho e com o território, que constituem processos que refletem na forma de estar e ser do campo. Nessa perspectiva, a formação de educadores do campo é resultado da luta por uma educação que contemple “os interesses e o desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo”. A mística é considerada um dos símbolos dessa luta. Isso que dizer que a busca pelo direito à Educação do Campo se relaciona com a “necessidade de formar sujeitos que possam viver o sentido e o significado da vida no campo, por meio de símbolos e simbologias, ou seja, de representações que os caracterizam e os façam reavivar a força de uma cultura, de uma identidade, de uma luta” (PIATTI; SILVA, 2021, p.180).

Assim, destacamos a mística como possibilidade de analisar as interações entre as escolas do campo, os cursos de licenciatura em Educação do Campo e as manifestações culturais do seu entorno. Paula et al. (2020, p.02), em suas reflexões sobre a importância da mística na formação de educadores e educandos do campo pela cultura popular, destacam que a “mística é uma linguagem simbólica, ligada a memória afetiva que desperta emoções, reflexões, senso crítico, entre outras”. Nessa lógica, os autores demonstram compreender as místicas como apresentações artísticas nas quais se unem as várias linguagens da arte, como teatro, dança, música, artes visuais, poesia, entre outras, que são desenvolvidas a partir de um tema gerador. Ainda conforme os autores, estas apresentações possuem cunho artístico-pedagógico político e se articulam às discussões do dia, da semana ou de um evento específico.

Do ponto de vista simbólico, a mística possui outras possibilidades de significação, que consideramos importante mencionar neste trabalho. Conforme Bogo (2012, p. 477), na militância a mística representa “a força de germinação que existe dentro das sementes. Assim como saem da dormência as gêmulas das sementes, despertam os militantes para a história como sujeitos conscientes de suas funções sociais”. Para Coelho (2014), a mística representa uma prática do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) conhecida como forma de ritual que acontece de diversas maneiras e com significados e sentidos, que possui algumas formas particulares de se manifestar ou ser concretizada. Ainda de acordo com o autor, o conceito de mística é complexo e pode ter várias abordagens, dependendo da área em que o pesquisador está inserido.

No âmbito da Educação do Campo, a mística representa reflexão, luta, união de sujeitos dispostos a lutar pelo direito à educação nas escolas do campo e nas universidades. De acordo com Piatti e Silva (2021), a mística nem sempre é uma cena ensaiada, ela significa muito mais que isso. Para as autoras, a mística contribui com a materialização do contexto em que a luta está inserida devido ser um ato intencional. Em outras palavras, “os sujeitos da Educação do Campo expressam, em cada momento da mística, o desejo por uma Educação que seja para os sujeitos do campo” (PIATTI; SILVA, 2021, p.185).

A partir dessa realidade, a mística torna-se um elemento integrador e necessário no tempo universidade dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo das universidades brasileiras, representando a luta constante pela garantia de uma educação de qualidade, no

ensino superior, para fortalecer a formação de educadores para lecionarem nas escolas do campo.

Segundo Molina (2014), a formação de educadores foi ganhando corpo à medida que novos sujeitos organizados também começaram a reivindicar pela criação de novos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, com o propósito de ampliar a oferta de formação de educadores nas distintas áreas do conhecimento e de garantir a manutenção de tais cursos a partir da conquista de fundos públicos do estado.

É importante salientar que o campo “é um espaço de disputa política, econômica e que, para além da luta pela terra, os povos que ali vivem também buscam outros direitos, como educação, saúde, condições para permanecer ali em seu espaço de trabalho e de vida” (PIATTI; SILVA, 2021, p. 187). Por isso, que é necessário, a partir da mística, refletirmos sobre o nome Educação do Campo, que surgiu como política pública a partir das lutas dos movimentos sociais do campo por melhorias nas e das escolas do campo, contrapondo-se aos sentidos que foram dados à educação rural, servindo de base para pensar e formular a educação dos que vivenciam o campo e se relacionam com a terra como lugar da existência e realização da vida (LEAL et al., 2016).

Uma das conclusões que chegamos é que a educação rural contraposta pela Educação do Campo se caracteriza “por práticas desvinculadas das culturas e das identidades dos sujeitos do campo, atendendo os interesses das classes dominantes (produtores rurais, grandes proprietários de terra, latifundiários, etc.)” (LEAL et al., 2016, p.82-83). É importante reconhecer que, nesse contexto, a escola do campo e os cursos de Licenciatura em Educação do Campo com o auxílio da mística, por meio de símbolos e histórias importantes, passam a se preocupar com o direito à construção de conhecimentos e saberes (ARROYO, 2009).

A mística e o ensino de História

A disciplina de História Geral II no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) deve ser comprometida com a problematização de conteúdos, realidades e ações humanas no tempo e no espaço. Isso se justifica em decorrência do referido curso receber discentes agricultores, filhos de agricultores e indígenas de diversas etnias de Roraima. Essa realidade torna para o curso LEDUCARR mais um diferencial múltiplo cultural, que é importante para conviver, aprender e ressignificar os saberes. Dessa forma, o ensino de História em uma relação com a Educação do Campo

contribui para que os alunos se identifiquem enquanto sujeitos com formas multifacetadas de conhecimentos científicos e empíricos.

Além do mais, o ensino de História, pertencente a área de Ciências Humanas e Sociais (CHS) do curso LEDUCARR, contribui ainda para que os seus acadêmicos tenham uma formação que os possibilite serem sujeitos críticos e questionadores dos seus direitos e deveres perante a sociedade, passando a lutar pelos direitos dos povos que vivem no campo, não somente de Roraima, mas do Brasil. Essa realidade mostra que a finalidade da Educação do Campo é proporcionar aos sujeitos do campo fazer a diferença no diz respeito ao contexto da educação e, conseqüentemente, no processo de transformação da realidade. Isso pode ser observado na fala de Caldart (2002, p. 19), que diz o seguinte: “[...] A perspectiva da educação do campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, se organizam e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino”.

O cenário em questão mostra que o uso da mística é de suma importância durante o curso de formação dos sujeitos do campo, que estão no processo de formação, uma vez que se pretende instigar os acadêmicos a refletirem sobre suas realidades enquanto sujeitos de direitos da Educação do Campo. Sendo assim, os acadêmicos poderão almejar um futuro melhor e digno para os povos do campo, com transformação da realidade da vida no campo, em termos de políticas públicas que mudam a vida de todos os sujeitos que residem no universo camponês. Mas para que essa transformação seja alcançada, de fato, é necessária a luta de sujeitos conscientes dos seus direitos para reivindicá-los do poder público.

Entre as várias formas de práxis, Bittencourt (2009, p. 19) destaca que, embora ainda possa ser identificado na realidade e prática de muitos professores, sobretudo em escolas da rede pública, o ensino de História, em sala de aula, “não pode ser estático, e tão pouco deve induzir o aluno a simples memorização e repetição mecânica de conteúdos para fins de avaliação escolar”. Para a autora, um ensino que visa a “decoreba” produz expressivos retrocessos sociais.

De acordo com Karnal (2009, p. 75), a História “é o registro da experiência humana no mundo e, portanto, patrimônio cultural imaterial da humanidade, que deve ser transmitida de forma crítica, para as outras gerações, a fim de assegurar a própria existência do homem”. Ao nos referenciar para a relação existente entre a mística e o ensino de História, consideramos que o saber histórico possibilita que o estudante tenha conhecimento das

experiências sociais a nível global e do seu próprio mundo cultural, o que o levará a maior interação entre a História Geral e a História Local. O estudante também será levado ao “entendimento e a construção de respostas para os desafios do presente, mediante reflexão acerca da evolução histórica das sociedades, bem como a participação construtiva que o levará a realização de ações transformadoras” (ALMEIDA, 2022, p.68).

Diante disso, dialogar sobre as aproximações entre a mística e o ensino de História, especificamente no curso de Licenciatura em Educação do Campo, favorece a contextualização da vivência dos sujeitos em comunidades do campo e torna-se relevante para a construção de saberes pautados em uma prática pedagógica “mais contextualizada com o vivido” (SILVA, 2017, p.02). O contexto histórico do campo de Roraima, por exemplo, se configura como um elemento da aprendizagem e de constituição do currículo por possibilitar os sujeitos se autoreconhecerem e valorizarem suas histórias de vida nos diversos âmbitos.

O modo de fazer da Educação do Campo, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais (CHS), não pensa numa perspectiva histórica somente institucionalizada pelo Estado, através de uma base curricular rígida proposta pelo Ministério da Educação, intermediado pela governança federal. Pensa, na verdade, nas diversas histórias que são construídas cotidianamente a partir do espaço vivido das pessoas e das comunidades do campo. Essas histórias do cotidiano, valorizadas pelo ensino de História, são necessárias nos percursos formativos das pessoas que vivenciam seu processo educativo no campo (SILVA, 2017).

Configurando como uma possibilidade de valorização dos saberes produzidos pelos povos do campo, a mística utilizada como instrumento pedagógico na prática do ensino de História na Licenciatura em Educação do Campo, além de estar articulada com as diversas formas que se constrói História por meio dos saberes populares, torna-se uma possibilidade para apontar os pontos de vista críticos em torno dos aspectos que permeiam a vida no campo.

É fundamental encerrarmos essa seção com o pensamento de que o ensino de História, no tempo presente, precisa ser pensado de forma crítica, contextualizado com os saberes populares dos espaços locais (MONTEIRO, 2017). No caso das comunidades do campo, com o auxílio da História, é possível reconhecer as lembranças, as histórias de vida, as memórias e os saberes construídos pelos povos do campo. Diante de tal situação, a disciplina de História Geral II buscou valorizar tais aspectos, favorecendo um ensino de História marcado pelo âmbito da luta pelos sujeitos do campo e “dos diversos espaços formativos que se constroem

as lutas como sindicatos, associações, acampamentos, espaços escolares e entre outras” (SILVA, 2017, p.07).

O ensino de história e a Educação do Campo

É pertinente destacar que a Educação do Campo surgiu no Brasil como resultado da ação dos movimentos sociais do campo. Segundo Caldart (2012), a partir do final da década de 1990, esses movimentos sociais passaram a articular esforços para cobrar do Estado políticas voltadas para a área da Educação do Campo. Esse contexto de lutas, contribui para refletirmos sobre o ensino de História e a Educação do Campo. Tal reflexão pode ser atrelada aos fatores culturais, políticos e sociais que, de acordo com Santos (2011, p.183), “influenciam as diferentes etapas e processos históricos de produção dos saberes, resgatando a formação docente e as transformações atuais da educação, como possibilidades de expressão da gestão democrática e emancipatória”.

Vale destacar que, para Santos (2011, p.183), o ensino de História contribui “para fazer emergir os sonhos e as esperanças dos trabalhadores rurais, num projeto coerente com a realidade de vida desses sujeitos que valorizam a escola como local de construção da cidadania plena, contrária às ações reprodutivistas e produtoras de desigualdades”.

É a partir daí que o ensino de História contribui com a organização das inúmeras possibilidades do pensamento crítico, através de constante troca e produção dos diversos saberes. Nessa projeção, fica evidente que a Educação do Campo em diálogo com o ensino de História se aproxima de propostas político-pedagógicas emancipadoras, bem como das sugestões éticas e do fazer histórico. Com isso, evita metodologias que incentivam as memorizações, os conformismos e as repetições, além de motivar o entendimento do que representa a Educação do Campo (SILVA, 2011).

Outro fato que merece destaque é que a Educação do Campo, em todo o Brasil, nasceu com uma proposta comum, que é de “reparar os danos causados aos trabalhadores rurais e as demais comunidades tradicionais em função do processo desenvolvimentista do mundo rural” (JESUS; GUBERT, 2016, p.136). Nos últimos anos, os cursos de Licenciatura em Educação do Campo, com seus sujeitos políticos, passaram a contribuir para a transformação da realidade de professores e alunos, que são considerados sujeitos da História por aprenderem no processo de busca contínua na luta por universidades e por escolas do campo com práticas pedagógicas que atendam às necessidades das famílias que moram no campo. O que fica evidente, neste cenário, é a concepção histórica do atraso da Educação do Campo.

Camacho e Almeida mostram que

Apesar de todos os direitos educacionais conquistados, como “o direito de todo cidadão, a educação é o dever do estado em ofertá-la”, o campo sempre esteve à margem desses direitos, que ficaram apenas no nível abstrato, não alcançando as especificidades necessárias às realidades do campo (CAMACHO; ALMEIDA, 2008, p.179).

O ensino de História tem contribuído com a transformação desse contexto por meio de práticas pedagógicas direcionadas a atender a realidade do campo e as lacunas deixadas em todo o processo histórico da educação pública no Brasil. Isso se justifica devido a História “explicar tanto as uniformidades e as regularidades das formações sociais quanto as rupturas e as diferenças que se constituem no embate das ações humanas” (BEZERRA, 2010, p.43).

A aproximação entre a Educação do Campo e o ensino de História acontece desde a realidade particular dos camponeses, ou mais amplamente da classe trabalhadora do campo, e de suas lutas (CALDART, 2004). Essa concepção se aproxima dos fundamentos e dos princípios da Educação Histórica, área que investiga a Didática da História, que corresponde as formas pelas quais se ensina e se aprende História (OLIVEIRA, 2017). Jorn Rüsen faz a seguinte explicação sobre a Didática da História:

Seu objetivo é investigar o aprendizado histórico. O aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica. É o processo fundamental de socialização e individualização humana e forma o núcleo de todas estas operações. A questão básica é como o passado é experimentado e interpretado de modo a compreender o presente e antecipar o futuro. Aprendizado é a estrutura em que diferentes campos de interesse didático estão unidos em uma estrutura coerente. [...] Teoricamente a didática da história tem de conceituar consciência histórica como uma estrutura e processo de aprendizado (RÜSEN, 2006, p. 16).

As evidências apresentadas por Rüsen (2006) mostram que a Didática da História proporciona que as experiências em sala de aula sejam fontes na construção de seu conhecimento, a partir de um diálogo dinâmico entre teoria e prática. Com isso, a aproximação entre a Educação do Campo e o ensino de História valoriza as experiências de sala de aula, de alunos e professores, obtidas com o uso das místicas, conforme poderá ser observado na próxima seção.

A mística na Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) na Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Para adentrarmos na parte metodológica sobre o contexto da mística como instrumento de conhecimento, além da reflexão e ação dos sujeitos que estão no processo formação,

faremos uma breve explanação do trabalho pedagógico executado pela professora de História do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) quando ministrou a disciplina de História Geral II para 11 alunos da área de Ciências Humanas e Sociais (CHS), que estavam cursando o terceiro semestre.

A mística tornou-se presente na disciplina de História Geral II quando a professora de História, primeira autora deste texto, convidou a segunda autora desse texto, que é estudante egressa da primeira turma da área de Ciências Humanas e Sociais (CHS) do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR), para falar para os alunos matriculados na referida disciplina sobre a importância da mística no contexto da Educação do Campo. Desde então, a mística se tornou presente nas demais aulas até o término da disciplina devido os alunos terem ficado responsáveis pela apresentação, a cada final de aula, de uma mística relacionada com o conteúdo da Idade Moderna e com a realidade da comunidade de cada aluno da turma, sendo possível uma relação com a Educação do Campo.

Observamos, diante dessa experiência, que a mística favoreceu que os alunos passassem a fazer autocrítica sobre o seu processo de formação, despertando em cada um o sentimento de esperança e reflexão. É preciso entender que a mística tem uma profunda relação com o sentimento justamente por despertar a esperança de alcançar um determinado sonho (BOGO, 1998).

Para os acadêmicos, que cursaram a disciplina de História Geral II, a mística mobilizou para as lutas nas quais historicamente temos travadas na sociedade global de modo excludente. Quando externalizaram, através da mística, o processo do regime monárquico na Idade Moderna, os alunos demonstraram que a monarquia ganhou áreas absolutistas devido os governantes não possuírem limite de poder (Figura 01).



Mística desenvolvida por estudantes do curso LEDUCARR/UFRR

Fonte: Autoras (2019).

Ao potencializarem o período da Idade Moderna, os acadêmicos verificaram que o processo civilizatório decorre de profundas mudanças relacionadas a modernização, que estimularam o individualismo na busca por conquistas que acarretaram no aumento da desigualdade social, onde muitas pessoas naquele contexto e recentemente no tempo presente, representado pela Idade Contemporânea, passaram a lidar cada vez mais com a desigualdade social. Sob esse entendimento, fica claro que a pobreza entendida como principal consequência da desigualdade social é uma problemática histórica que acompanha as formas de relações sociais no campo ou na cidade.

Nessa reflexão, ficou evidente que “o campo não deixará de ser campo por adquirir formas e conteúdos da sociedade contemporânea” (OLIVEIRA, 2016, p.111). Se recorrermos a Giddens (2012), iremos verificar que no mundo contemporâneo um elemento que contribuiu para a desconstrução da identidade dos povos do campo é o fato dele ser considerado o lugar do atraso, acompanhado de outros adjetivos pejorativos. Essa realidade motivou os alunos a levantarem informações sobre os movimentos sociais e as lutas camponesas em Roraima.

Em termos gerais, observamos uma participação satisfatória dos alunos que desenvolveram diversas místicas nas aulas da disciplina de História Geral II. Essas atividades permitiram que eles mergulhassem na vida das suas comunidades, pesquisassem de forma constante o significado de Educação do Campo e observassem que os temas discutidos em sala de aula, a partir das místicas, tinham conexão com a realidade vivida por eles.

O uso da mística nas aulas da disciplina de História Geral II também possibilitou observarmos que os alunos compreenderam que a mística os mobilizou para contribuir com a modificação da realidade existente de luta pela Educação do Campo no estado de Roraima e no Brasil. Dependendo do tema de cada aula, que se concentrou no período da Idade Moderna, as místicas desenvolvidas em sala de aula pelos alunos apareceram com várias características, representando luta por injustiça e igualdade, resolução de conflitos, agradecimentos pelas conquistas do cotidiano, questionamento da realidade, entre outras características.

A partir da análise de todo o movimento estimulado pelo uso das místicas na aula da disciplina de História Geral II, percebemos uma mudança no olhar de alguns alunos com relação à Educação do Campo devido no início da disciplina alguns deles terem demonstrado desconhecer a definição de Educação do Campo, embora estivessem matriculados em um curso de licenciatura em esse nome. Outro ponto importante é que os alunos e a professora de

História, que ministrou a disciplina de História Geral II, passaram a reconhecer a mística como um dos processos de ensino aprendizagem que contribui com a formação do educador do campo. Em outras palavras, esses alunos passaram a acreditar na Educação do Campo como parte do processo de transformação da realidade. Isso reflete no seguinte pensamento de Freire (2011, p.106): “a educação é responsável pelo processo de transformação da sociedade, é a chave para a transformação do pensamento e da ação dos sujeitos que se tornam emancipados”.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo fazer uma sistematização e reflexão sobre o uso da mística nas aulas de História do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), no tocante às diversas problemáticas que afetam a vida da população camponesa, no contexto da realidade de Roraima.

É oportuno mencionarmos que Roraima tem vários problemas no que tange a educação voltada para os sujeitos do campo. Por conta disso, estes devem refletir profundamente sobre a realidade que os cerca, bem como refletir sobre seu meio para que possam ter clareza do seu papel enquanto sujeitos de direitos na sociedade brasileira.

Percebemos, a partir das problemáticas que levantamos sobre o uso da mística nas aulas da disciplina História Geral II, que os alunos passam a se questionar sobre a realidade do seu cotidiano. Mas mesmo assim, notamos que esses alunos ainda precisam ir mais além de seus posicionamentos, reflexões e ações, que interferem diretamente no contexto das comunidades do campo.

No processo de formação desses alunos, enquanto educadores do campo, a disciplina de História Geral II permitiu constantes reflexões sobre a relação do ensino de História com a Educação do Campo. Nessa proposta, a mística ganhou destaque como princípio educativo que contribui para perceber a sociedade e as causas sociais, tendo uma visão mais crítica para lutar pelo respeito às especificidades e contexto de vida de quem vive no campo.

Em um contexto de ensino superior, alguns aspectos observados no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), se mostram como alternativas para exercer com mais eficiência o uso das místicas. O interessante é que, embora o texto retrate uma realidade específica que aconteceu em 2019,

precisamos pensar a realidade do curso LEDUCARR atualmente, em 2024, que se encontra com quatro turmas de Ciências Humanas e Sociais (CHS) e com quatro turmas de Ciências da Natureza e Matemática (CNM). O projeto pedagógico do curso foi atualizado em 2023. Apesar disso, as disciplinas das duas áreas precisam continuar trabalhando “as identidades, a consciência de classe e a capacidade de analisar o espaço agrário brasileiro” (OLIVEIRA, 2016, p.120). O percurso relatado neste artigo com o uso da mística nas aulas de História Geral II, se constitui instrumento importante para a formação de professores em Educação do Campo no processo de luta pela educação brasileira.

A partir da análise de todo o movimento estimulado pela disciplina História Geral II, conseguimos perceber uma mudança no olhar de alguns alunos com relação à Educação do Campo e sua relação com a História. Antes do envolvimento desses alunos com as místicas nas aulas da disciplina de História Geral II, alguns relatavam que consideravam a Educação do Campo complexa principalmente quando pensada sob a ótica da interdisciplinaridade. Houve um interesse maior por pesquisar a Educação do Campo, a interdisciplinaridade e a realidade local das suas comunidades. Esse fato contribuiu para a formação desses futuros professores e professoras, que passaram a refletir sobre suas práticas.

A disponibilização de um espaço nos conteúdos da disciplina de História Geral II para exercitar a mística demonstrou-se um meio pertinente de conectar os diferentes saberes que foram discutidas no decorrer do tempo universidade a partir dos conhecimentos que os alunos trouxeram em suas experiências de vida junto às suas comunidades.

Além disso, cabe mencionar nesta reflexão final que colocar em prática aulas com o uso de místicas é um ato importante no sentido de aproximar diferentes saberes para universalizar o ensino superior “junto às populações do campo, desde que isso não indique uma desvalorização dos saberes que essas populações constroem” (MIRANDA; COVER, 2016, p.102).

Referências

AIRES, Helena Quirino Porto. A proposta da pedagogia da alternância: uma possibilidade de construção de conhecimento. In: SILVA, Cícero et al. (orgs.). **Educação do campo, artes e formação docente**. Palmas: EDUFT, 2016.

ALMEIDA, Daniel Alves de. O ensino de história e a formação do cidadão crítico: um olhar sobre o ensino médio. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 21, n. 2, p. 63-75, abri/set 2022.

ARROYO, Gonzalez Miguel. Escola: Terra de direito. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; HAGE, Salomão Mufarrej (Orgs.). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: Conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BOGO, Ademar. Como melhorar nossa mística. Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. **Caderno de Formação**, São Paulo: MST, n.27, p.15-19, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Panorama da Educação do Campo**. Brasília: MEC/INEP, 2008.

CALDART, Roseli Salette. Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. **Coleção por uma educação básica do campo**, n. 4. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação do campo, 2002.

_____. Elementos para construção do projeto político e pedagógico da educação do campo. **Trabalho Necessário**. MST - Ano 2, nº 2, 2004.

_____. **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão, 2012.

CAMACHO, Rodrigo Simão; ALMEIDA, Rosemeire. Pesquisa e ensino de Geografia: a educação do campo como instrumento de libertação. In: MARTIN, A. M. et. al. (Org.). **Prática de ensino e de pesquisa em história e geografia**. Campo Grande: UFMS, 2008. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: _____; LASH, Scott; BECK, Ulrich; RIZEK, Cibele Saliba; LOPES, Magda. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

JESUS, Sidinei Esteves de Oliveira; GUBERT, Rosa Ana. A reforma agrária e a educação no campo, potencialidades para a promoção do desenvolvimento territorial: um estudo sobre a região norte do Estado do Tocantins. In: SILVA, Cícero et al. (orgs.). **Educação do campo, artes e formação docente**. Palmas: EDUFT, 2016.

LEAL, Álida Angélica Alves et al. **O tecido das narrativas da/na Educação do Campo em Minas Gerais: bordando os territórios no e a partir do LECampo/FaE/UFMG**.

MIRANDA, Cássia Ferreira; COVER, Maciel. Interdisciplinaridade e Licenciatura em Educação do Campo. In: SILVA, Cícero et al. (orgs.). **Educação do campo, artes e formação docente**. Palmas: EDUFT, 2016.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do; MARTINS, Leila Chalub. **Pedagogia da mística: as experiências do MST**. Emancipação, Ponta Grossa, 8(2): 109-120, 2008.

OLIVEIRA, Mariana Esteves de. Ensino de História e Educação do Campo: Concepções e aspectos teóricos em escolas do campo no Mato Grosso do Sul. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.7, nº13 jul-dez, 2017. p.79-101.

OLIVEIRA, Ubiratan Francisco. Percurso metodológico para construções identitárias na formação de professoras e professores do campo no norte do Tocantins: reflexões a partir da experiência com o curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, da UFT – Campus Tocantinópolis. In: SILVA, Cícero et al. (orgs.). **Educação do campo, artes e formação docente**. Palmas: EDUFT, 2016.

PAULA, Suzani et al. A Formação de Educadores e educandos do Campo pela Cultura Popular. **Cadernos de Agroecologia**. Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

PIATTI, Célia Beatriz; SILVA, Jucelia Souza da. A mística na Licenciatura em Educação do Campo: imagens, tempos, espaços e experiências. **Revista Imagens da Educação**, v. 11, n. 1, p. 179-197, jan./mar. 2021.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. Ponta-Grossa, v. 1, n. 2, p. 7-16, jul./dez. 2006.

SANTOS, Ramofly Bicalho dos. A Educação do Campo e o ensino de História: possibilidades de formação. **Revista Percursos**. Florianópolis, v. 12, n. 01, p. 183 – 196, jan. / jun. 2011.

SILVA, Nilmar dos Santos. **Educação do Campo e Ensino de História: desafios e possibilidades no âmbito da prática docente**. IV Encontro Estadual de Ensino de História. Conceição do Coité: UNEB, 2017.

Recebido: março/2024.

Publicado: novembro/2024.